

ÍNDIOS E COLONOS

Boca do Acre (AM)

CEDI - P. I. B.
DATA 29.05.86
APD 26

Fazendeiros jogam o povo contra os Apurinã

O município Boca do Acre AM foi sacudido por mais um ato de violência envolvendo o povo Apurinã da aldeia Camicuã que fica em frente à cidade. No dia 20 de maio, o Apurinã Nôzinho Gonçalves matou o trabalhador Manoel Criado. A vítima era o Delegado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boca do Acre e líder do Partido dos Trabalhadores. Os fazendeiros e políticos da cidade tentaram de todas as maneiras jogar a população contra os Apurinã, incitando abertamente a se perpetrar um gesto de vingança contra os índios.

Aparentemente não havia motivo nenhum para o ato de Nôzinho. No entanto, o epicentro da questão é sempre a terra. E a área em que Manuel Criado estava morando é reivindicada pelos Apurinã.

HISTÓRIA DAS INVASÕES

Esta situação vem se prolongando há muito tempo. A área do Cumicuã está invadida desde 1974 por posseiros, grandes fazendeiros e latifundiários. A partir de 1976, pioraram as relações entre índios, colonos e fazendeiros intensificando-se a violência de ambas as partes.

No dia três de março de 1978, o delegado de Boca do Acre, Luiz Gonzaga, que é cabo da P.M. do Amazonas, auxiliado, por dois soldados assassinaram covardemente o Apurinã Raimundo Pereira da Silva, desferindo-lhe dois tiros pelas costas. O crime até hoje não foi punido e o assassino perambula livremente a Zona Franca de Manaus.



A aldeia Camicuã, invadida pelos fazendeiros. (Foto Ana Lange)

Em abril de 78, Valdir Ávila e o vereador Adão Nunes (Mineirinho) lideraram os latifundiários para matar o chefe do P.I. Camicuã José Humberto. Os políticos de Boca do Acre estão contra aquilo que a Funai ainda tenta fazer em defesa dos índios. José Humberto é substituído por Antônio Couto Fonseca que passa a negociar as terras indígenas para o prefeito e o ex-prefeito Mário Diogo, este o principal invasor de terras indígenas. Só a fazenda do ex-prefeito tem uns 200 hectares dentro da área indígena.

Em 1979, Adão Nunes, vulgo Mineirinho, obrigou o índio João Marreco a beber gasolina com areia sob ameaça de queimá-lo vivo. Mineirinho também ordenou ao soldado Paulo que aplicasse violentos "telefones" ao índio Alberto, a ponto de sangrá-lo pelo nariz e ouvido.

Em agosto de 80, o P.M. Marcos deu um tiro a queima-roupa no Apurinã Zequinha que escapou de morrer por muita sorte.

ENGRAXAR AS ESPINGARDAS

Como se vê, a solução para o problema das terras indígenas em Boca do Acre encontra os maiores obstáculos por parte das autoridades locais, a começar pelo prefeito Valdir Ávila, considerado o grande grileiro das terras de Boca do Acre.

A morte de Manoel Criado causou profunda revolta na população que chegou a formar um grupo para vingar a morte do sindicalista. Tudo poderia ter sido evitado, caso o chefe do Posto Indígena, Célio, estivesse na aldeia e não, como de costume, no Hotel Rosa do Acre, na cidade, onde ele mantém as melhores relações com o prefeito e os fazendeiros. Haveria alguma intenção deliberada? Por que não foi à aldeia? Indagações ainda não respondidas.

Depois da morte, várias versões surgiram. Há quem diga que foi o próprio chefe do posto quem mandou o índio matar o colono. Outros alegam que foi uma trama engendrada pelos políticos e fazendeiros da região, que pretendiam eliminar Manoel Criado que era ao mesmo tempo líder sindical e do PT. Todas as versões não tem nenhuma confirmação. Houve apenas um consenso nisso: o ato poderia ter sido evitado.

A Comissão Pró-Índio do Acre, em nota à imprensa, afirma que alertou inúmeras vezes as autoridades para a seriedade da questão, chamando inclusive atenção para a possibilidade de ocorrência de um conflito fatal. "Nossas advertências, esclarece a nota, foram sempre recebidas com descrédito e desdém por parte daqueles que efetivamente detém o poder e os meios para solucionar os conflitos de terras, mas que na realidade parecem dispostos a deixar o tempo passar para ver como é que fica".

O maior objetivo dos fazendeiros era jogar o sindicato contra os indígenas e depois processar os sindicalistas com isso esvaziariam o sindicato de Boca do Acre. Os fazendeiros e políticos começaram a dizer em plena rua que a população deveria comprar bastante munição "para calar os Apurinã". Ordens foram dadas para que o povo engraxasse as espingardas, fosse até o outro lado do rio e acabasse com os "caboclos".

QUESTÃO DE VIDA E MORTE

A Funai enviou antropólogo para "medir" o grau de integração do Apurinã Nôzinho. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Boca do Acre alertou para a possibilidade de ocorrerem mais mortes no município, caso as autoridades não tomem a iniciativa de demarcarem a reserva indígena. E, a questão das terras dos Apurinã exige também que o Inera tome medidas efetivas para reinstalação dos colonos em outra área adequada para eles.

A Comunidade indígena reclamam urgentemente a demarcação e a saída dos fazendeiros da sua área. É uma questão de vida e morte para os Apurinã e os colonos.

Além de explorados, vítimas da violência

O povo Apurinã encontra-se espalhado da Boca do Acre até a boca do Purus, sendo que a maior parte fica na Prelazia de Lábrea, abrangendo os municípios de Pauini, Lábrea e Tapauá.

Desde os tempos primordiais, os Apurinã são conhecidos como um povo guerreiro, onde seus membros fazem justiça pelas próprias mãos. Olho por olho, dente por dente é a lei que é transmitida de pai para filho.

A situação destes índios na Prelazia de Lábrea não é das melhores. Além da exploração de que são vítimas, não têm escola, nem atendimento de saúde e suas terras já são alvo da cobiça dos brancos. No município de Pauini, seringalistas e fazendeiros são os principais invasores. Em Lábrea, a terra do Caititu pretendida pelos índios, está na mira de alguns brancos da cidade, que não conseguem mais disfarçar suas intenções e contribuem para aumentar a tensão entre índios e pequenos agricultores que plantavam na área.

Somando a estes fatos, todo o desprezo com que os índios são tratados pelos brancos, vemos em decorrência os conflitos se sucederem.

1- Soldado mata índio Apurinã pelas costas em Lábrea

O fato ocorreu numa briga que começou numa festa no Bairro da Fonte na noite de 20/06. Quando o tumulto já estava formado, alguém foi chamar a polícia. Esta, chegando ao lugar da briga, foi maldosamente informada de que os indígenas eram os responsáveis pelo conflito. Foi o que bastou para que os guardas "baixassem o cacete" em cima dos mesmos. Os índios, reagindo, acertaram alguns murros no rosto de um soldado e correram. O cabo Antônio Lopes de Araújo, atingido por um soco que lhe quebrou os olhos, e feriu-lhe levemente o rosto, instigado por um companheiro, disparou três vezes contra o índio Félix da Silva Ramos, sendo que duas balas o atingi-

ram pelas costas e uma no braço. Ele caiu morto metros adiante. Os índios Apurinã, parentes do morto, avisados do ocorrido ainda na mesma noite entraram na casa do policial assassino e não o encontrando, espancaram as duas crianças e a esposa. Uma das crianças veio a falecer horas após no hospital de Lábrea. No domingo de manhã, o cabo Lopes, a esposa e a outra criança gravemente ferida, foram transportados para Manaus.

2- Outro índio Apurinã morre no Lago do Marahã

No dia 23/06, depois de se embriagarem com cachaça, brigaram um branco e um índio Apurinã no Lago do Marahã, município de Lábrea, onde outro grupo Apurinã e mais um grupo Paumari vêm reivindicando uma área contínua. Vendo o índio levar a melhor, o irmão do branco partiu para cima do primeiro e o matou a golpes de terçado. Como garantia de que lhes seja entregue o assassino, os índios mantêm como refém o outro branco.

3- Em Pauini, por ocasião da festa já tradicional da coroação de Nossa Senhora, no dia 31/05, um grupo de índios que costumava participar destes festejos, ficou sendo esperado para ser espancado pelo pessoal da cidade. Casualmente os índios não apareceram.

4- Na cidade de Lábrea, índios escolares foram ameaçados e por isso desistiram de estudar, à noite, no colégio das Irmãs.

À medida que os índios estão tomando consciência de seus direitos, a tensão com os brancos aumenta.

Queremos alertar a opinião pública que fatos desta natureza tendem a se repetir, se medidas urgentes não forem tomadas pelas autoridades competentes, no sentido de atender as legítimas reivindicações do povo Apurinã e de punir os responsáveis pelos crimes contra as nações indígenas.

Lábrea, 07 de julho de 1981
PASTORAL INDIGENISTA DA PRELAZIA DE LÁBREA